

CARLOS A. S. AGUIAR

# O SUICIDA E A CANETA DE TINTA PERMANENTE

E OUTROS CONTOS



5 LIVROS

---

## **O suicida e a caneta de tinta permanente**

Carlos A. S. Aguiar

© Carlos A. S. Aguiar, 2021. Todos os direitos reservados.

O conteúdo deste livro é da inteira responsabilidade do autor.

Revisão: Do autor

Impressão e acabamento: Líberis – Print on demand

1.ª Edição: Agosto de 2021

ISBN [Edição Impressa]: 978-989-782-342-8

Depósito Legal N.º 485992/21

## **5 LIVROS**

Rua da Boavista, 719, 1.º T

4050-110 Porto

Telef.: 222 038 145

Tlm: 919 455 444

[www.5livros.pt](http://www.5livros.pt)

[info@5livros.pt](mailto:info@5livros.pt)

---

---

## Índice

Intróito .....	9
O suicida e a caneta de tinta permanente .....	11
A Tragédia da Tia Adélia e os bonecos de madeira falantes (S. Francisco de Assis, a pequena bailarina, um pisco-de-peito-ruivo e uma bruxa) .....	19
O envelope das “Broas” de Natal .....	45
O Crime do Padre.....	49
Um Velho a relembrar-se de coisas .....	73
Porque é que os flamingos são cor-de-rosa? .....	81
O rato que se apaixonou por uma cadela .....	85
O Rio do Norte e o Rio do Sul .....	91
O heterónimo de uma mulher só .....	99
Um palhaço Pobre... rico de amor pelas crianças.....	123
Foi a primeira e única vez que lhe bati .....	127
A boneca sensual.....	135
A prima Vera.....	143
A minha cidade .....	151
Sinfonia em RGB .....	159
Os almanaques.....	167



---

## Intróito

**P**ermitam-me a ousadia, mas eu gostaria de me irmanar com todos os que escrevem! Eu sei que é uma grande ousadia querer alinhar com os Grandes Homens e Mulheres de Letras com provas já dadas, mesmo que seja atrás, em bicos de pés, para figurar na fotografia de conjunto. O *culpado* chama-se Adolfo Correia da Rocha. Isto dito assim não identifica bem o *culpado*. Portanto, é melhor fazer-me entender. Vou dar outras tonalidades e outros sons, ao pronunciar o nome que todos conhecem: O *culpado* é Miguel Torga. E, porque é que ele é o *culpado*? Nada mais simples: Porque me induziu a não deixar de escrever, mesmo que o que eu escreva não tenha muita importância! Segundo ele: “*Alguém tem que segurar a pena, até que a possa passar a um génio*” Por analogia, e agora sou eu que exemplifico, quando se torna premente a necessidade de se tirar a água do porão de um navio que mete água, antes que ele se afunde, e não havendo bombas para a aspirar, começa-se um processo de baldeação, enchendo-se baldes que se passam de mão-em-mão, até que a água seja devolvida ao mar. Neste processo, todos os *baldeantes* são necessários. Basta que um deixe de passar o balde ao seguinte, o barco pode afundar-se. Eu faço parte dos *baldeantes*, sou o que tira a água do porão, mas encho pouco o balde porque sou fracote, mas mesmo que a água seja pouca, passo-a ao da frente. Se a cadeia não for interrompida, o barco talvez se salve.

---

Quando pedi que me permitissem a ousadia de me irmanar com todos os que escrevem, queria dizer que gostaria de me irmanar com as suas obras, como um irmão mais novo, que gosta dos irmãos mais velhos e vai aprendendo com eles, respeitando as suas opiniões, ouvindo o que lhe dizem, voando sempre em voo-á-vista, como co-piloto, até poder alguma vez voar sozinho por *instrumentos e com todo o tempo*. Era assim que eu queria ser irmão dos vários membros da grande família da escrita. Entre muitos, escolhi um que me tocou com a varinha e me tornou seu irmão... em letras. As únicas coisas que li dele foram o Diário, os Contos da Montanha e os Bichos.

Todos sabemos que Miguel Torga era médico, poeta, agricultor, pescador, caçador. Só não sabíamos que, tal como S. Francisco de Assis, era irmão dos animais. E digo isto, porque nunca vi – nem em biólogos – alguém saber tanto de bichos como ele. Não só de morfologia, não só de ecologia, mas, e muito importante, também da etologia das suas almas!

Escreveu ele: *Aqui tenho à mesa-de-cabeceira o último livro ainda a cheirar à tinta da tipografia. Não há dúvida nenhuma que o concebi, que o realizei, e que, depois disso, com os magros vinténs que vou ganhando por esses montes, consegui pô-lo em letra redonda – a forma material máxima que se pode dar a um escrito. E, contudo, olho esta realidade que eu tirei do nada, que bem ou mal arranquei de mim, com o mesmo desânimo com que olho uma teia de aranha...*”

Escrevo eu: Esta realidade que eu tirei do nada, que bem ou mal arranquei de mim, são estes contos, que aqui ponho à vossa disposição. Sejam benevolentes, pois eu não tenho os talentos do meu irmão.

---

## O suicida e a caneta de tinta permanente

**O**lá! Eu sou uma caneta de tinta permanente! Tenho vários nomes, Parker, Sheaffers, Montblanc e ainda muitos outros. Sou aristocrata! Por vezes toda em ouro, outras vezes só o aparo. Vezes sem conta viajo com a minha prima esferográfica e uma tia, a lapiseira, em luxuosos estojos forrados de veludo. Sou extremamente importante e vaidosa! Usando-me, já assinaram declarações de guerra e tratados de paz, importantes reis, ministros e presidentes de república. Já se escreveram comigo cartas de amor, contos, romances e poesias. E eu tenho tais artes de sedução que, quem me compra fica tão adicto como os cainómanos à cocaína. E, se me comprarem para oferecer, quem fica adicto é o presenteado... Vejam se não é motivo para eu ser vaidosa! Já repararam o cuidado com que me tiram a tampa, seja ela de enroscar, ou só de puxar, e me exibem antes de começarem a assinar os tratados? Também já me aconteceu ser maltratada! Ainda outro dia, um sujeito malcriado, que tem a mania que é escritor, aborrecido por não ter imaginação, atirou-me pela janela e fui-me cravar numa pera podre que estava caída no quintal. Mas o amor que eu faço sentir, foi mais forte que a raiva, e o tal sujeito malcriado foi-me buscar. Limpou-me e experimentou-me rabiscando um papel em branco e verificando que o voo e *aperajem* (neologismo que significa *aterrar* numa pera) me tinham ligeiramente danificado o aparo, rabiscou, rabiscou, até que eu, ainda arranhando um bocado, comecei a seguir as instruções

daquela mão delicada – o indivíduo era malcriado, mas a mão era delicada – e ajudei-o a escrever um belo livro... Na vida das canetas de tinta permanente acontecem por vezes situações muito aborrecidas, tal como aos automóveis, sejam eles movidos a combustíveis fósseis ou sejam eléctricos, por vezes, acaba-se o combustível, ou a bateria no meio de uma estrada num deserto... Comigo também já aconteceu uma coisa semelhante: Um presidente que gostava muito de assinar os tratados e mostrá-los para as televisões, usou-me sem reparar que eu tinha pouca tinta, e eu, envergonhadíssima, só consegui escrever o seu primeiro nome... *Donald*. Que vergonha! Mas a culpa não foi minha. Eu sou de tinta *permanente*, mas só enquanto tenho tinta!

Agora escutem: Em casa de um dos meus donos, fiquei quase um ano sem escrever e sem desenhar, e secou-se a minha tintinha. Estive guardada num copo alto, de plástico, misturada com esferográficas Bic, canetas de feltro, lápis, e até uma reles faca de abrir livros que se aproveitou de mim, roçando-se lascivamente, até me provocar um risco enorme e profundo, uma cicatriz que me desfeou... Tenho péssimas recordações desse tempo! Mas, um dia em que o meu dono sentiu saudades de fazer um desenhinho – eu sempre fiz belos risquinhos negros ao sabor daquela mão deliciosa e destra – odeio escrever por mãos de canhotos – agarrou-me, experimentou-me, e como eu estivesse seca, limpou-me por dentro e por fora, lamentou o arranhão que a faca de abrir livros me fizera, meteu-me um nova carga de tinta e começou a fazer um lindo bailado comigo. Dançou, fez-me dançar e, juntos, fizemos um desenho catita! Deliciei-me a ouvir o que ele disse:

– Andava tão aborrecido que nem me apetecia escrever nada, nem desenhar, mas lembrei-me da minha querida canetinha (era eu!) e voltou-me a vontade! Depois de a limpar e carregar, aqui está ela prontinha. Vou escrever um belo conto com ela!

Agarrou-me de novo – até me arrepio toda quando aquela mão me agarra – e começou a dar-me instruções. A fazer-me rodar, a avançar no papel, umas vezes reescrevendo, depois de apagar riscando; outras vezes fazendo-me correr que nem uma maluca sobre o papel macio e branco, até parecia que eu estava a andar de patins. Por vezes, mordiscava-me a ponta oposta ao aparo, num afago, como que um beijo, e depois continuávamos... Obedecendo áquela doce mão, escrevi, escrevi, escrevi, até que o meu dono me pousou, deitada sobre o papel, sem me colocar a tampa. Como eu tinha sido conivente com o que ele escreveu, mas tão entretida a escrever, nem tinha tido tempo para perceber o quê, fui agora dar uma olhadela ao que havíamos escrito e vou-vos contar:

A solidão pesava-lhe, mas pesava mesmo, como um peso enorme que lhe tivessem posto às costas. E ele comparava-a com o peso que Jesus carregara com a cruz. E lamentava-O. A sua companheira de tantos anos tinha-o abandonado, tinha-o trocado por um lugar no céu. Ele que a amava tanto! E tanto sentia a sua falta! Como era bom poder sentir aquela mão na sua! Aquela mão doce e suave, que tanto o acariciava, como bordava, como cozia, como cozinhava, como lavava, como escrevia, como pintava, como desenhava. E tudo tão bem! E agora, apodrece num buraco fundo... Talvez lá até os vermes sejam acariciados!

Esta solidão que sentia era pior do que estar só, acompanhava-o onde quer que fosse, mesmo na rua, acompanhado por multidões... Era a falta da companheira que o fazia sentir-se muito só. Estando em casa, com tantas lembranças, ainda mais sentia a ausência dela, mas, por outro lado, permitia-lhe consolar a sua dor, relembrando-a. E em casa podia chorar. Na rua um homem não chora, parece mal...

Acrescentava-se à solidão o fardo da velhice, as dificuldades de resolver os problemas do dia-a-dia, a comida, a limpeza da casa e

do corpo. Ele que gostava tanto de se banhar e perfumar, andava agora desleixado, na higiene e nas roupas. Um dos filhos, tinha-lhe feito notar isso:

– O pai tem que ter mais cuidado, era tão limpinho, vestia sempre roupa interior lavada e perfumada, todos os dias. Agora nem a barba faz. Mande-nos a roupa que lavamos aqui!

Era verdade! Mas agora nem lhe apetecia fazer nada. A única coisa que queria era não fazer nada. Ficar sentado à espera do fim, quietinho, sem se mexer... Quando se perde a auto-estima, não há nada a fazer! E ele já não gostava dele. E, ainda pior, sentia que já não gostavam dele. Uma ocasião em que fora almoçar com os dois filhos, que o tinham convidado – nem se lembrava porquê, só depois lhe disseram que era o seu aniversário – precisou de ir urinar e esta necessidade era agora frequente e premente. E foi. Quando voltava da casa de banho ouviu os filhos a falarem dele. Parou e escutou o que dizia o mais velho:

– Temos que ver se encontramos um sítio, um lar de idosos, para pormos lá o pai. Pagamos entre nós, e com a pensão dele, nem deve ser muito caro.

– Eu achava melhor ficarmos com ele quinze dias em casa de cada um.

– Isso para ti é fácil, tens uma casa grande, tens empregada doméstica e a tua mulher não tem que o gramar, mas a minha nem quer ouvir falar disso.

Ele tossiu, para os avisar, e calaram-se. Acabado o almoço, despediu-se. Perguntaram-lhe se queria que o fossem levar a casa, mas declinou, dizendo que gostava de andar a pé.

Com que então querem-me meter num dos tais depósitos de velhos a que pomposamente chamam lar! – Disse para consigo. Foi quando tomou a decisão. Mas antes de a levar a cabo, resolveu matar dois coelhos de um cajadada, iria desaparecer, mas fazer antes uma coisa que sempre tinha querido fazer quando

era mais novo, ou melhor, quando era menos velho. Sempre tinha ponderado como seria bom ir sentir, no alto de uma serra, o prazer de se perder e, à noite, ter de arranjar um abrigo, aquecer-se e dormir, levando apenas um canivete suíço e uma caixa de fósforos. Muitas vezes lera formas de se proteger e sobreviver. Aprendera a construir um abrigo, a armadilhar animais, a saber as horas e as direcções pelo Sol, e de noite pelas estrelas. Sabia muitas coisas mas apenas em teoria. Pensou que era chegada a altura de passar à prática. Antes porém, tomou algumas medidas importantes. Tinha cerca de 5000 euros no banco e apressou-se a depositar metade dessa importância na conta de cada um dos dois filhos. Feito isto ainda pensou em deixar-lhes uma carta, mas logo que começou a escrever, as lágrimas e os soluços impediram-no. Pensou neles, desde pequeninos. Falou com a companheira, dirigindo-se a ela estivesse onde estivesse, e disse-lhe:

– Querida, eles já não precisam de mim. Vou amanhã ter contigo!

Comprou um bilhete de combóio, e apenas com a roupa que tinha no corpo, o cartão de cidadão, o famoso canivete suíço e uma caixa de fósforos, foi à aventura...

Ao leitor não interessa, acho eu, saber em que serra e onde ele foi. Subiu, subiu, com grande dificuldade – ele que subira montes e descera vales, como se fosse uma cabra-montês – e chegou onde queria um pouco antes do por do Sol. Procurou um lugar que lhe pareceu bom, que era sob uma grande fraga granítica. O espaço era suficiente para ali caber deitado. Estava já algum frio e o vento soprava forte de um dos lados. Procurou umas pedras e, já quase a escurecer, conseguiu fazer uma espécie de muro que tapava, melhor ou pior, o vento desse lado. Quando estava nessa tarefa, ouviu um miado e viu uma gata grande, com cinco ou seis gatinhos a mamar, deitada na parte mais funda da fraga. A gata nem fez menção de se incomodar com a presença dele, olhou-o

e ficou a completar a tarefa de dar de comer aos filhos. Ele falou-lhe docemente e, sem saber porquê, lembrou-se da sua mãe. Sorriu para a gatinha e chorou. Pode parecer estranho, mas pode-se sorrir chorando! Como estava já a ficar escuro, apressou-se a apanhar vários troncos pequenos, partiu-os ainda mais, e tentou fazer uma fogueira. Ao fim de vários acendimentos, seguidos de apagamentos, lá conseguiu um lume baixo e com pouco fumo. Colocou, lateralmente à fogueira, duas pedras alongadas e estreitas para, depois de quentes, servirem para se aquecer. A gata começou a sentir o quentinho e, logo que os gatinhos acabaram de mamar, juntou-os todos num *molhinho de gatos*, aproximou-se dele e roçou-se-lhe nas pernas. Ele acariciou-a, e falou-lhe docemente:

– Tu estás a manter a vida, e eu estou a preparar-me para morrer!

A gata ronronou e foi-se deitar mais perto da fogueira, depois de amontoar os filhos junto a ela. Ele fez o que sempre pensara em fazer naquelas circunstâncias a preparar-se para dormir, mas ficou ainda muito tempo a olhar as estrelas, ali tão brilhantes, e tantas, tantas, tão perto, tão lindas! Retirou com dificuldade as duas pedras que já estavam bem quentes, ajeitou-as de modo a ficarem cada uma de seu lado, mas sem lhe tocarem. Sentou-se, colocou as bainhas das calças dentro das meias, subiu a gola do anoraque, fechou-o parcialmente e, por dentro, com jeitinho, tirou os braços de dentro das mangas da camisola encostando-os ao tronco para ficarem mais quentes. Deitou-se, acabou de fechar o anoraque e adormeceu.

Sonhou que conseguia voar, como se fosse um drone, podia subir e descer, fazer *vriles*, *toneaus*, *loopings* e até estacionar como os helicópteros. Voou sobre as casas dos seus filhos e netos. Depois passou sobre a campã da sua mãe, do seu pai, e da sua companheira, deitando grandes quantidades de pétalas das

mais variadas flores e um panfleto dirigido a cada, onde se dizia *Até breve!*

Acordou cedo. E como tinha ainda muito que andar, levantou-se, compôs a roupa, alisou os cabelos, apagou os restos da fogueira e despediu-se da gata:

– Hoje à noite chega-te bem lá para o fundo e leva os teus meninos, pois não vai haver mais lume, brasas, nem pedras quentes!

A gata, que estava a amamentar, olhou-o e miou de tristeza! Ele caminhou, caminhou, e ao fim de muito caminhar, descendo para vales por caminhos tortuosos, chegou finalmente ao lugar escolhido para dar cumprimento ao seu *destino...*

Estava sentado num banco da estação de caminho-de-ferro, no lado esquerdo da linha, sentido que tomam os comboios. Na linha 2. Sempre atento, olhava para o lado de onde viria o comboio. Noutra banco mais distanciado estava sentado um homem ainda novo. Finalmente, ao longe, já se notava a massa de um comboio a aproximar-se. No altifalante da estação fez-se ouvir: *Atenção à passagem de um combóio sem paragem na linha 2.* Ele levantou-se, aproximou-se da beira do cais e... lançou-se.

O comboio pára uns 500 metros mais à frente. Saem pessoas de dentro dele e caminham pela linha. O homem que estava sentado no banco mais distanciado, diz para o chefe da estação que se aproximara:

– O homem parecia que estava calmamente à espera do combóio do meio-dia, mas logo que o Alfa se estava a começar a ver ao longe, levantou-se e foi se pôr à beira do cais. Eu calculei logo que o velho se ia matar, mas já não tive tempo de o agarrar!

A caneta de tinta permanente acabou de ler o que escrevera. Sentiu-se culpada pela triste morte. Sentiu uma pena enorme do pobre homem. Resolveu que nunca mais escreveria. Como estava de lado, sem tampa e quase à beira da secretária onde o seu dono escrevera a triste sorte daquele triste senhor, deu uns safanões,